

A PRÁTICA ARTÍSTICA DO COEXISTENCIALIZAR: NÃO CHEGAR ONDE DESEJAMOS, MAS NUNCA ESQUECER DA POTÊNCIA DO SENTIR-COM

The artistic practice of coexistentialize¹: not getting where we want, but never forgetting the power of feeling-with

Thallyta Karoline Maia Piovezan²

RESUMO

Ao longo deste artigo, desenvolvi uma reflexão sobre minha prática artística, entre 2020 e 2022, em que elaborei o conceito operatório coexistencializar, articulando questões sobre como temos nos relacionado uns com os outros e com os ecossistemas. Para tanto, apoiei-me na prática artística de Lygia Clark, os conceitos de espaço fluido e meshwork do antropólogo Tim Ingold, o conceito de Corpo sem Órgãos de Deleuze e Guattari e ao espaço de Doreen Massey. Iconograficamente, utilizei balões, vasos, terra, e outros materiais, enfatizando as características fluídicas presentes nos balões, visando realizar experiências que possibilitam provocar, em algum grau, percepções sensoriais de estar junto a algo e evidenciar, através dos sentidos, coexistência nas experiências.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Coexistência. Espaço.

ABSTRACT

Throughout this article, I developed a reflection on my artistic practice, between 2020 and 2022. I elaborated the operative concept coexistentialize, articulating questions about how we have been relating to each other and to ecosystems. To do so, I relied on Lygia Clark's artistic practice, the concepts of fluid space and meshwork by the anthropologist Tim Ingold, the concept of Body Without Organs by Deleuze and Guattari and the space from Doreen Massey. Iconographically, I used balloons, vases, soil, and other materials, emphasizing the fluidic characteristics present in the balloons, aiming to carry out experiences that could enable to induce, to some degree, sensory perceptions of being close to something and to evidence, through the senses, coexistence in experiences.

Keywords: Contemporary Art. Coexistence. Space.

¹ Considerando o termo *existentialize* do inglês, a tradução *coexistentialize* foi sugerida pelo professor de língua inglesa Bryan Pissinini Antunes.

² Universidade Federal do Paraná. thallytakpiovezan@gmail.com.

✉ Rua Álvaro de Carvalho, 22, Centro, São Paulo, SP. 01050-070.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, tentarei desenvolver uma reflexão sobre a minha produção poética que se articule com o conceito operatório pelo qual esta mesma prática artística acontece, em que integro questões sobre como estamos e como nos relacionamos no mundo e a necessidade de ação para evidenciar a coexistência no que não percebemos como contendor de caráter coexistente. Para tanto, utilizo balões como dispositivos para a prática artística e relato o processo de desenvolvimento dos trabalhos que foram executados até aqui, de maneira a refletir sobre como a materialidade dos balões se relaciona ao conceito operatório desenvolvido.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa qualitativa que envolve uma reflexão sobre a minha poética, percebi uma potente questão existencial na minha prática artística. Esta questão passa pela ponderação sobre como estamos vivendo em sociedade e nos relacionando com a natureza. Nessa reflexão, a aproximação do pensamento do antropólogo Tim Ingold (2015, p. 111) foi importante, do qual empresto a noção de espaço e malha (*meshwork*), que relaciono à minha prática artística para embasar o conceito coexistencializar. A questão espacial presente durante o desenvolvimento das práticas artísticas também é pautada pela discussão de espaço na teórica Doreen Massey (2008).

Como nos relacionamos com os outros, com a alteridade, com o espaço, são preocupações que também me fizeram buscar aproximações com a propositora Lygia Clark (2021a), levando em conta o caráter de interação das suas propostas, mais especificamente o que se relaciona com o trabalho “Baba Antropofágica” (1973) (Figura 1). Em seu processo, Lygia considerou os fluidos corporais, o que julguei ser possível aproximar aos meus trabalhos com balões. Tendo em vista a interpretação de Suely Rolnik sobre os fluxos/babas desta proposição de Clark como um Corpo sem Órgãos – CsO (ROLNIK apud BRETT, 2005, p. 121), estabeleço relação entre a prática do coexistencializar com o conceito de CsO explorado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012a; 2012b).



Figura 1 – Baba Antropofágica, 1973
Fonte: L. Clark (2021a).

QUANDO COEXISTENCIALIZAR IMPLICA A PRÓPRIA PESQUISA

Quando tive contato com a artista e escritora Sandra Rey (2002), percebi que o conjunto das minhas práticas artísticas, realizadas desde 2018, precisavam de um conceito operatório que me permitisse fazer “deslocamentos prático-reflexivos” por meio da minha prática artística. Para Sandra Rey (2002, p. 129-130), “a produção de sentidos configura-se nas operações realizadas durante a sua instauração”, ou seja, é durante a “obra em processo” que os sentidos são produzidos de maneira que “cada procedimento instaurador da obra implica a operacionalização de um

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

conceito”. Desta forma, entendo que o trabalho possui conceitos dele mesmo em si, de forma que, durante o processo de desenvolvimento dos trabalhos, esses conceitos são articulados, operacionalizados e, por isso, a necessidade da utilização de um “conceito operatório” que Sandra Rey (2002) propõe.

Durante a escrita deste artigo, percebi que havia um foco na materialidade do balão, assumindo então que os balões são dispositivos operadores de minha prática artística atual, mas que, no futuro, possa haver um deslocamento de interesse e experimentação com novas materialidades.

A seguir, apresentarei o processo cronológico que me levou até o desenvolvimento da última proposição que realizei, discorrendo sobre as ideias que me guiaram durante esse processo, de maneira a contribuir para a compreensão do conceito operatório **coexistencializar** que permeia a minha produção artística.

O incômodo que me levou a buscar um conceito operatório relacionado coexistência, iniciou-se em 2018 durante minha participação no Projeto Permanente de Desenvolvimento e Experimentação em Artes Visuais do Sesc Paço da Liberdade³. Um dos primeiros trabalhos que

³ Optei por não abordar os trabalhos desenvolvidos durante os anos de 2018 e 2019 por entender que as propostas desenvolvidas neste período não demonstravam visualmente uma relação com a vontade de pensar coexistência.



Figura 2 – Registro do trabalho “Plantei água, mas não cresceu”
Fonte: T. Piovezan, 2020.

Figura 3 – Registro do trabalho “Encha um balão, pegue um vaso cheio de terra, plante o balão; veja ele morrer”
Fonte: T. Piovezan, 2020.

demonstram minha preocupação sobre como estamos nos relacionando com os ecossistemas terrestres é “Plantei água, mas não cresceu” (2020) (Figura 2). Neste trabalho apresentado em fotografia, plantei uma garrafa de plástico vazia, utilizada no comércio de água mineral, em um vaso cheio de terra. Como estávamos em período de isolamento, logo no início da pandemia da Covid-19, encontrei na fotografia uma possibilidade de realizar essa ação e registrá-la.

Logo após a “plantação” desta garrafa de água vazia, plantei um balão em um vaso com terra (Figura 3). A ideia do balão apareceu primeiramente em um quadro (PIOVEZAN, 2020) que eu havia pintado, também em 2020, como uma maneira de mostrar que o corpo do quadro também poderia estar respirando. Naquele momento do processo, ainda não estava claro o significado que os balões assumiriam na pesquisa. Porém, ao reler o pequeno texto que escrevi sobre o balão plantado, ficou clara para mim a relação já existente entre esse trabalho e os balões.

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

Ao encher um balão e depois plantá-lo, subverto a expectativa de crescimento de quando se planta algo na terra. Plantar um balão cheio de ar para esperar ele murchar, remete à maneira como temos vivido, pois me parece que o progresso do sistema de produção neoliberal conduz à uma lógica contrária à da plantação, porque as coisas são trucidadas e a terra assume um papel de cemitério e não de adubo. A partir desta reflexão, percebi que a questão do balão como material que pode direcionar o pensamento ao modo como nós temos nos relacionado com o meio ambiente já estava presente neste trabalho. O conceito operatório desenvolvido estava se consolidando.

Essa reflexão visual e material sobre como nós, humanos, temos nos relacionado com o ambiente, revelada após mais de um ano do momento da realização das fotografias, funcionou como um fio condutor de outras propostas que realizei a seguir. Após plantar o balão em um vaso, houve um processo que envolveu a experimentação da materialidade do balão em uma outra pintura (PIOVEZAN, 2021) e, após isso, uma proposição foi realizada em março de 2021, intitulada "Coexistir ou Morrer?" (Figura 4). Essa proposta foi realizada na Exposição Meia-Luz, com curadoria de Marina Ramos, no âmbito do projeto "75m²", realizado em um apartamento de 75m² localizado no bairro Ahú, em Curitiba, durante os anos de 2020 e 2021, que contou com a participação de outros dezessete artistas. Nessa experiência havia uma instrução na parede, ímãs de neodímio, balões de diversas cores, fita *silver tape* e uma tesoura em cima de uma base de vidro colocada no chão (Figura 5), à disposição das pessoas de forma que pudessem manipulá-los na realização da experiência. Essa proposição resultou em um *site-oriented* na sala onde o trabalho foi sendo desenvolvido. Segundo Miwon Kwon (2008, p. 184), as práticas *site-oriented* endereçam-se

[...] às diferenças das adjacências e distâncias entre uma coisa, uma pessoa, um lugar, um pensamento, um fragmento ao lado do outro, mais do que evocar as equivalências via uma coisa após a outra. Só essas práticas culturais que têm essa sensibilidade relacional podem transformar encontros locais em compromissos de longa duração e intimidades passageiras em marcas



Figura 4 – Registro da proposição "Coexistir ou morrer?"
Fonte: T. Piovezan, 2021.

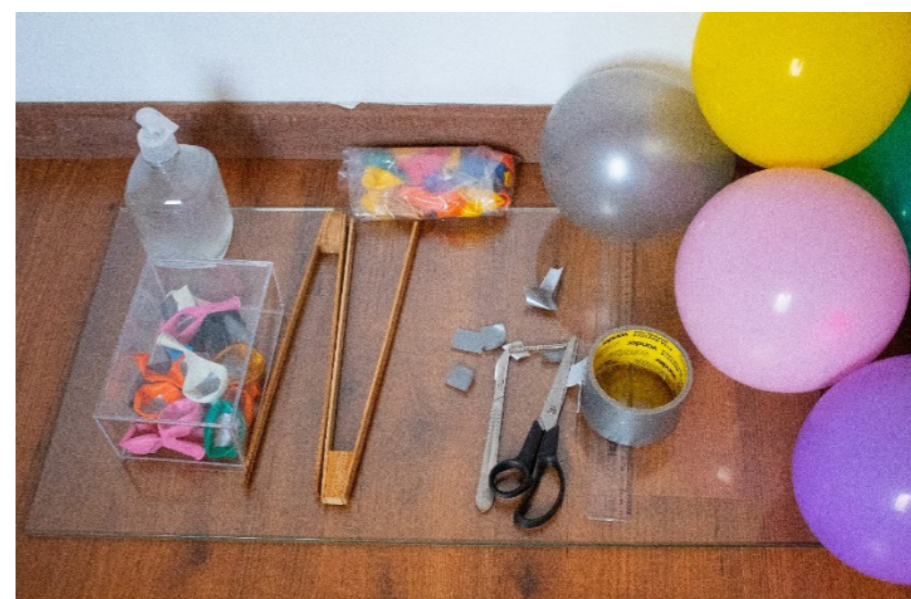


Figura 5 – Registro de detalhe da proposição "Coexistir ou morrer?"
Fonte: T. Piovezan, 2021.

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

sociais permanentes e indelévels – para que a sequência de lugares que habitamos durante a vida não se torne generalizada em serialização indiferenciada, um lugar após o outro.

Por conta da duração da exposição ter sido de apenas duas semanas, não houve tempo para que os balões murchassem, mas guardei todos eles para desdobrar a proposta, assim que fosse possível.

Durante esse trabalho, a questão da saliva surgiu como um elemento importante, e comecei a pensar sobre o que é essa saliva e esse ar que expelimos dentro do balão. Ao encher um balão com nossas excreções, algo que não pertence mais ao nosso corpo é transferido ao balão, ao espaço e pode voltar para nós mesmos, em outra configuração existencial. Ao formar outro corpo, o balão, com nossa saliva e outros componentes fluídicos, nos relaciona sensorialmente com os materiais e o espaço onde nos encontramos, no caso, um quarto com balões enchidos por outras pessoas. Desta forma, nos relacionamos com a pele artificial do balão que contém os resquícios fluídicos de outros seres humanos e também com a pele desse corpo que não é de ninguém, um corpo de saliva contido pelo látex. Este **outro corpo** é análogo ao descrito por Suely Rolnik (apud BRETT, 2015), o “Baba Antropofágica”, relação que acabei estabelecendo somente posteriormente.

Após a realização da proposição “Coexistir ou Morrer?”, eu comecei a pensar em outra questão acerca do aspecto material do balão, seu limite físico para o enchimento de ar. Propus, então, um cartão-postal⁴ (Figura 6), que enviei, dentro de um envelope

⁴ Apesar do cartão-postal estar intrinsecamente ligado à arte correio, escolhi não abordar esta questão porque o foco deste artigo está nas questões pertinentes às características dos balões e o desenvolvimento do conceito operatório **coexistencializar**.



Figura 6 – Registro da frente e do verso, respectivamente, do Cartão-postal até estourar
Fonte: T. Piovezan, 2021.

vermelho, para pessoas que eram convidadas a preencher um formulário de participação ou para aquelas que encontraram esse envelope em algum lugar da cidade de Curitiba/PR. Os cartões-postais começaram a ser enviados em 13 de julho de 2021, e, até a data de 08 de fevereiro de 2022, foram entregues vinte e quatro cartões-postais, sendo que um deles foi deixado no ônibus Pinheirinho, com placa BCB-1590, no dia 22 de novembro de 2021, e outro, em uma árvore na praça Osório como parte de uma colaboração com outro artista, Guilherme Valle. No cartão-postal está escrito “encha o balão até estourar”, no qual foi afixado um balão vermelho.

O balão funciona como um “Corpo sem Órgãos”, feito por nós mesmos. Segundo o professor Marco Antonio Machado (2019, n. p.):

[...] existe todo um padrão moralizante que é dado a priori que me instrui o que devo fazer com a minha boca, o que devo fazer com o meu dedo anelar da mão esquerda, como devo me sentar, como devo falar, como devo utilizar a minha voz, etc.

Ou seja, o Corpo sem Órgãos poderia ser entendido, nesse caso, como a ação de não fazer com o corpo o que é esperado dele, assim

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

sendo, não utilizar o balão para decoração, por exemplo, mas para outra finalidade não esperada. O balão, tensionado pelo ar e pelos fluidos corpóreos, poderia existir como um “Corpo sem Órgãos”, pois proponho, nesses trabalhos, que se faça com este objeto o que não se espera normalmente dele (que cumpra uma funcionalidade relacionada à festa, às comemorações, entre outras) mas que assuma agora uma outra função. É um corpo com uma pele artificial e que abriga o que não nos serve mais, nossas excreções. Quando este corpo é preenchido ao limite até estourar, o ar com fluidos que estava dentro dele, também um Corpo sem Órgãos, volta a fazer parte do espaço de maneira que o balão vira somente pele. Nossas excreções voltam ao ciclo da natureza, em que o oxigênio se mistura ao dióxido de carbono e outras moléculas expelidas. Contudo, a pele que restou do corpo, não tem lugar no ecossistema, e o seu destino final é o lixo (quando não reciclada). Isso pode possibilitar a reflexão sobre o fato de não nos importarmos com as excreções, desta vez, excreção do corpo do balão (a pele). As excreções de nossos corpos podem ser integradas à natureza, mas e as nossas outras “excreções”?

A aversão às excreções poderia ser entendida como uma negação do nosso estado humano, pois todo corpo humano produz excreções. Se não acolhemos as inerências dos nossos corpos, acolheremos o que parece estar fora do corpo, como a natureza? Para esta questão, recorro ao economista Alberto Acosta (2016, p. 44) que explica muito bem como a noção de natureza nos afasta dela: “Definiu-se a Natureza sem considerar a Humanidade como sua parte integral, desconhecendo que os seres humanos também somos Natureza. Com isso, abriu-se caminho para dominá-la e manipulá-la”. A noção desenvolvimentista que opera a natureza enquanto recurso produz uma ideia de que estamos fora dela. Traçando um paralelo com a definição de Natureza, as excreções assumem o mesmo lugar. Não

entendemos as excreções como nossas constituintes, mas como algo fora de nós. Esta interpretação se estende para as excreções dos nossos corpos, mas também para as excreções do nosso consumo. Estas excreções se referem ao que produzimos enquanto matéria e se configura como degradadora da Natureza.

Quando eu realizei esta proposta dos cartões-postais, não tinha a dimensão do balão como uma espécie de CsO. Mas, ao pensar sobre a proposta, concomitantemente aos relatos que as pessoas me enviaram, percebi que, de certa maneira, tratavam-se de relatos da experiência que apontavam para a produção de um Corpo sem Órgãos. Da mesma forma, a dimensão e a materialidade da pele do balão, como um resquício que não volta à natureza, tomaram a minha atenção ao longo da execução desses trabalhos, enquanto a pesquisa foi se desdobrando.

Finalmente, após enviar os cartões-postais, pensei em uma última proposição em que os conceitos de espaço de Tim Ingold (2015) e o conceito de “Corpo sem Órgãos” aparecem de maneira mais contundente.

COEXISTENCIALIZAR É TRAZER VIDA ÀS COISAS

Em 2022, desenvolvi a proposta “Membranas Evidenciadoras” (Figura 7) que consistiu em encher aproximadamente trezentos balões (o número de balões foi considerado para ocupar um quarto de aproximadamente 16m²), que depois foram jogados pela janela do meu quarto, que ficava no sétimo andar de um prédio no centro de Curitiba/PR. Nesta proposição, percebi que a relação balão-espaço-pessoas se tornou mais evidente no trabalho e isso me fez pensar sobre suas implicações. Ao ter contato com o pensamento

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

de Tim Ingold (2015), passei a refletir sobre o espaço também como uma dimensão fluida. Na perspectiva do antropólogo, “a espacialidade (ou as espacialidades) não são simplesmente ambientes do acondicionamento das relações, mas sistemas integrados que resultam diretamente delas” (SANTOS, 2013, p. 64).

Avisão englobante é característica do pensamento do autor, em que ele considera que é necessária uma antropologia imersa na vida (CARDOSO, 2016) e que precisamos nos juntar ao ambiente, ao invés de nos percebermos como seres à parte dele (INGOLD, 2015). Esta questão de nos juntarmos ao ambiente me fez refletir sobre como os balões poderiam ser dispositivos que evidenciam a unicidade enfatizada pela separação dos corpos. A princípio, parece ser contraditório querer discorrer sobre continuidade a partir da separação, mas considero que os balões funcionam como peles de um “Corpo sem Órgãos”, ao mesmo tempo em que também conformam um corpo sem órgãos em si. Dessa maneira, carregam em si a multiplicidade e que, considerando o que o filósofo Edgar Morin (apud MARCHISOTTI; LUKOSEVICIUS; SOARES, 2016) escreveu na sua “Teoria da Complexidade”, poderiam ser considerados (os balões) como sistemas complexos em que separação e união, são integrados. Ou seja, poderia existir contradição, não no sentido conceitual, mas processual, no coexistencializar.

Para me fazer entender, estou expressando que os balões podem evidenciar o sentido de coexistência, mesmo carregando esse caráter de separação (a pele do balão que separa o ar), pois coexistir é estar em caráter coexistencial, o que não exclui as separações e contradições que aparecem no processo.



Figura 7 – Registro da proposição “Membranas evidenciadoras” no momento em que os balões ocupavam todo o quarto, à esquerda, e no momento em que os balões estavam sendo jogados pela janela, à direita

Fonte: T. Piovezan, 2022.

Voltando à questão de que estamos relacionados ao espaço e lembrando que Tim Ingold (2015) afirmou que o mesmo é fluido, penso que os balões são corpos que estão implicados com o espaço em que, em um dado momento existem em formas de corpos cheios de ar e, em seguida, podem restar como algo indicial da ação que lhes deu corpo e os inflou com fluidos corpóreos humanos, tornando-se algo descartável, mas, ainda assim, pertencentes ao ambiente, mesmo que em outra configuração.

[...] não existe nenhum objeto ou entidade bem-definido. Existem sim substâncias que fluem, misturam-se e transformam-se, às vezes congelando-se em formas mais ou menos efêmeras, que podem, no entanto, dissolverem-se ou reformarem-se, sem quebra de continuidade (INGOLD, 2015, p. 141).

Ainda na ideia de fluxo, a advertência de Ingold (2015, p. 59) sobre “trazer as coisas à vida” deveria servir para o enfoque ser dado às relações, ao invés do foco na materialidade dos objetos, sua conformação física, e elementos dispostos individualmente no espaço. No escopo desta pesquisa, a afirmação de Ingold (2015) pode ser associada aos balões, em minhas proposições. “Trazer à vida” é uma das maneiras de coexistencializar.

Quando enchemos um balão com nossas excreções, estamos trazendo essa coisa à vida, fornecendo dimensão sensorial para essa coisa, de maneira que se possa interagir com ela e que ela se torne evidente, aparente, seja coexistencializada. Ademais, para uma coisa poder ser coexistencializada, não basta percebê-la como objeto, mas perceber por meio dela, **com** ela, de maneira que se configure como heciedade: “Estas **heciedades** não são **o que** nós percebemos, já que no mundo do espaço fluído não há objetos de percepção. Elas são, ao contrário, aquilo **com** que percebemos” (INGOLD, 2015, p. 143, destaques acrescentados). O conceito de heciedade, na perspectiva de Deleuze e Guattari (2012b, p. 47), é uma individuação diferente de todas as outras, uma individuação sem sujeito, onde tudo “é relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado”. Assim sendo, para coexistencializar é necessário sentir **com** heciedade, ou seja, perceber a particularidade e ser afetado por ela, mas com o movimento, de maneira que esse movimento do que é de caráter individual, singular, possa existir graças à relação. Encher balões com nossas partículas excretadas pode ser uma maneira de perceber e sentir-com o movimento, as relações. Por exemplo, o movimento de expansão e contenção do balão durante seu enchimento só é possível devido à inter-relação. O movimento de inspirar e expirar atrelado ao seu enchimento me possibilitou prestar atenção ao que acontecia, à própria ação de respirar e ao espaço sendo construído. Esta atenção ao momento tem potencial de percepção das inter-relações espaciais, como as mudanças espaciais ocorridas a cada vez que um balão toma forma no espaço, relações que estabeleço de maneira mais aprofundada no parágrafo seguinte. Outrossim, todos os micro acontecimentos, como a respiração das outras pessoas e suas movimentações corporais, assumiram outra dimensão sensorial para mim.

Para além da dimensão balão-pessoas, é pertinente refletir sobre a relação dos balões junto ao espaço. Ao lançar balões pela janela, há um resultado interativo, onde os balões estão em movimento juntos às partículas do ar, às pessoas e a todas as outras unidades, segundo o que Tim Ingold (2015, p. 64) entende por espaço:

O espaço, por esse entendimento, não é a matéria que resume as relações, muito menos a substância que condiciona a existência de um movimento, mas um resultado interativo, um chaveamento inscrito numa temporalidade marcante de um contato entre unidades da vida que estão em movimento.

Penso que os balões, estando em movimento juntamente com todas as outras singularidades no espaço, configurem-se como parte integrante da malha que o autor propõe, que ele defende não como uma rede da vida, onde há pontos conectados, mas uma malha de linhas entrelaçadas (INGOLD, 2015). Essa malha de linhas entrelaçadas estaria na composição fluídica, tanto dentro como fora do balão. Dessa forma, um balão seria, assim como um organismo, “[...] um emaranhamento ilimitado de linhas em um espaço fluído” e não uma “entidade limitada rodeada por um ambiente” (INGOLD, 2015, p. 113). Destarte, os corpos coloridos dos balões jogados pela janela não são “rodeados” pela cidade, mas constituem-se como um emaranhamento móvel e colorido misturado a ela. As cores, por exemplo, poderiam ser consideradas heciedades, pois são partículas de luz que afetam e são afetadas, em constante fluxo, de maneira que cada uma delas interfere nas outras e, quanto mais cores, mais interferência e mais movimento visual (aqui considero que a profusão de cores causa maior movimentação visual, por conta da interação entre elas). A profusão de cores dos balões, nesses trabalhos, também poderia remeter à uma ideia de diversidade coexistindo no espaço público. Portanto, quanto mais movimentação dessas singularidades, que são os balões, e quanto maior o emaranhado de linhas em que estiverem implicados, melhor

poderia ser a percepção sensorial causada, o que poderia acarretar em outras potencialidades de coexistência.

A dimensão espacial da prática artística que proponho se relaciona com o espaço de Doreen Massey (2008) em que (1) há inter-relações, (2) há existência simultânea de multiplicidades e (3) há uma construção constante. O espaço reivindicado pelo conceito operatório que apresento conjuntamente a uma prática artística pode ser produto das inter-relações porque “O espaço não existe antes de identidades/ entidades e de suas relações” (MASSEY, 2018, p. 30). Por exemplo, o espaço só é constituído quando balão e espaço se relacionam; antes desta inter-relação não há espaço.

A segunda característica do espaço de Massey (2008, p. 31) pode se expressar na heterogeneidade das cores dos balões e das salivas, compondo um espaço como esfera da “coexistência da heterogeneidade”. É importante ressaltar que este espaço é político e se articula como maneira de se contrapor à uma universalização da história do “[...] macho branco, heterossexual [...]” (MASSEY, 2008, p. 31). O reconhecimento da multiplicidade de existências depende de um reconhecimento da espacialidade que advém da espacialização da teoria social e do pensamento político. Desta maneira, é possível compelir a imaginação destas outras existências da história. Em futuros trabalhos pode-se aproximar e articular mais esta segunda característica.

O espaço abordado por esta pesquisa se configura como sempre em construção, pois a prática artística se estabelece em relação a uma materialidade que está sempre por se realizar, ou seja, balões com saliva sendo jogadas pela janela de um quarto vão construindo relações à medida em que entram em contato com o vento, com a calçada, com as pessoas. Para me fazer entender, um balão só assume seu percurso (imprevisível) a partir do momento em que entrar em contato com seu impulsionador (vento). A saliva dentro do balão passa

a ter outros sentidos quando estes processos ocorrem, pois, as suas micropartículas constituintes estão se relacionando **com** o espaço e, conseqüentemente, construindo outras relações, mesmo que invisíveis. Um pouco de micropartículas de saliva em contato com o ar é coexistência.

Considerando os espaços de Massey (2008) que são produto de inter-relações, são esfera da coexistência da heterogeneidade e estão sempre em construção, é possível assumir que esses espaços precisam de intercessores. Este conceito deleuziano se configura como, na interpretação de Jorge Vasconcellos (2005, p. 1223), “quaisquer encontros que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade natural, de seu estupor. Sem os intercessores não há criação”. É possível traçar um paralelo entre os intercessores e as inter-relações que Massey (2008) apresenta na sua conceituação de espaço, pois há uma inter-relação implícita ao conceito intercessores que na prática artística pode ser trabalhada.

Quando se assume que o espaço só é constituído durante o processo em que os balões se relacionam ao espaço, é possível pensar que tanto o espaço quanto os balões e outros elementos constituintes do momento são intercessores. Outra possibilidade interpretativa decorre da relação direta de expressão apontada por Deleuze (1992, p. 156): “Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê”. Em que os intercessores são uma espécie de mediação indispensável à manifestação do pensamento.

COEXISTENCIALIZAR É NÃO CHEGAR ONDE DESEJAMOS, MAS TAMBÉM NUNCA ESQUECER DA POTÊNCIA DO SENTIR-COM

Associada à contribuição da perspectiva do antropólogo Tim Ingold (2015) sobre as relações de singularidades no/com o espaço,

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

voltei-me para a proposição “Baba Antropofágica” (Figura 1), da artista Lygia Clark e, conseqüentemente, à prática do “Corpo sem Órgãos”, na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Na proposição realizada por Clark com alunos da universidade Sorbonne, Paris, em 1973, os participantes foram incentivados a portar carretéis de fios de costura na boca e puxarem-nos continuamente, deixando-os cair sobre o corpo de um dos participantes que estava deitado, criando um corpo de saliva, outro corpo. Suely Rolnik (apud BRETT, 2005, p. 121) descreve este corpo de saliva como paradoxal de maneira que as babas de outras pessoas constroem outro corpo, um “Corpo sem Órgãos”: “Se não é dentro de mim, onde é que este fora me habita?”. Esse outro corpo é um Corpo sem Órgãos, ou seja, “Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 12). O CsO poderia ser comparado a uma espécie de *Big Bang* a que não conseguimos retornar, mas sabemos que tem a potência de originar tudo.

Tendo em vista o “Corpo sem Órgãos”, o trabalho de Lygia Clark é nitidamente relacionado à questão do “nunca acabar de chegar”, da trajetória infinita. Em “Baba Antropofágica”, “[...] quem baba perde substância que o outro agrega” (MILLIET, 1992, p. 146), ao mesmo tempo em que a baba pode ser sufocante. Há uma relação de coexistência entre “apropriação e perda” (MILLIET, 1992, p. 146) de maneira que essas duas coisas se movimentam e se pode sentir-com esse movimento e não a partir dele.

A questão do sentir-com está presente nas proposições de Lygia Clark, nos objetos relacionais como “Respire comigo” (1966), em que um tubo de borracha é utilizado para produzir um som de maneira que nossa respiração seja colocada fora de nós (BRETT, 2005) (Figura 8). É possível traçar um paralelo da relação da respiração nesta proposta de Clark, assim como a maneira de respirar quando enchemos balões. Ambas carregam, em si, uma coexistencialização, pois: “Quando respiramos, mediamos essas duas realidades, por assim dizer, pois carregamos o exterior para o nosso corpo, para imediatamente expelirmos o interior” (BRETT, 2005, p. 133).

Esse movimento de dentro e fora, melhor dizendo, como movimento topológico ou espaço fluido, segundo Ingold (2015), é uma característica do “Corpo sem Órgãos”, é onde nunca se acaba, em que o limite é o infinito. Na perspectiva balão-pessoa-espaço, a



Figura 8 – Registro da proposição “Respire comigo” (1966) em que Lygia Clark manuseia um objeto
Fonte: L. Clark, (2021b).

prática de respirar e fazer algo com a respiração é CsO, pois os movimentos entrelaçam-se com o espaço, dentro e fora do balão. O balão é uma extensão do nosso corpo, o balão é o que nosso corpo já não é mais, mas já o foi, nossas excreções, nossa memória.

Em “Respire comigo” há um diálogo sensorial, uma comunicação que escapa ao verbal (MILLET, 1992, p. 111), assim como encher balões e/ou vê-los caindo de uma janela, sendo levados pelo vento para o chão, como foi o caso do meu trabalho “Membranas Evidenciadoras”. O diálogo sensorial é sentir-com, coexistencializar. Primeiramente, quando alguém vê balões caindo pela janela, há uma relação sensorial com o acontecimento, não se realiza um juízo imediatamente, mas

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

é antecipado um diálogo sensorial. Na sequência, é possível que a pessoa espere os balões caírem para tocá-los, possuí-los, para estabelecer uma relação com eles. Algumas pessoas estouram os balões, simplesmente porque lhes veio o desejo de destruir aquilo, talvez como maneira de extravasar algum sentimento ou vontade, não cabe aqui pensar nas infinitas possibilidades. Mas o que concluo é que coexistencializar é a potência do **sentir-com**, do sentir sem fim. Ou seja, sentir-com são maneiras de nos relacionarmos enquanto seres humanos incorporados ao espaço (aqui se inclui a Natureza) de forma que compreendamos nossa integralidade enquanto seres vivos interdependentes. A infinitude do sentir-com ocorre no campo das inter-relações em que há potencialidade de percebê-las e senti-las, sustentada pela compreensão da primeira característica do espaço (inter-relacional) de Doreen Massey (2008) porque essas relações constituem-se ao mesmo tempo em que se constroem e são de infinitas possibilidades sensoriais. Sentir-com se constrói também juntamente ao conceito de espaço fluido do antropólogo Tim Ingold (2015) em que não há objetos de percepção, mas aquilo com o que percebemos. Nas práticas artísticas desenvolvidas neste artigo, percebe-se **com** a respiração. Apenas o fato de nos conscientizarmos do processo que ocorre ao respirarmos pode nos permitir infinitas possibilidades sensoriais como espaço. Desta maneira, coexistencializar é uma ação de sentir-com que tem potencial para se expandir enquanto prática artística de resistência à destruição da biodiversidade das florestas e o genocídio de seus povos originários, mostrando-se o caminho mais contundente a ser desenvolvido em um mestrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS


O processo prático-reflexivo desta pesquisa requereu diversos movimentos processuais, mentais e dialógicos. Ao chegar à

finalização desta etapa, todo o processo, desde as ideias iniciais até o desenvolvimento deste artigo, mostrou-se como uma linha em meio a um emaranhado, um caminho que estava sendo seguido, sem destino. Essa analogia que aparece durante as relações que teço juntamente às proposições de Lygia Clark, fizeram-me pensar em como os trabalhos carregam em si algo próprio que escapa à linguagem verbal. Essa heciedade que os trabalhos possuem dialoga com os elementos em relação e em movimento no conceito de espaço fluido proposto por Tim Ingold (2015), pois percebemos com os balões e, não somente os balões. A perspectiva de sentir-com e não exatamente as coisas em si, relaciona-se às questões que aparecem no trabalho de Lygia Clark, pois existe, sobretudo, um diálogo sensorial em ambos. As questões dos fluidos corporais aparecem como disparadores de entendimento das existências simultâneas e da integralidade dos humanos enquanto seres espaciais. Analogamente, a ação de respirar ao encher balões e os próprios balões que são como “Corpos sem Órgãos” e se movimentam **com** o espaço fluido, carregam em si a potência do limite infinito. Eles também se constituem espacialmente nas inter-relações, como descreve Doreen Massey (2008), entre partículas de ar, gotículas de salivas, látex, etc. e se compõem durante a construção constante do espaço.

Os balões carregam em si a potência do sentir-com, do sensorial. As relações estabelecidas entre esses conceitos impulsionam o conceito-operatório coexistencializar, trazendo possíveis significados. Coexistencializar se desdobra como maneira de nos entendermos enquanto parte integral do espaço e não como seres à parte dele. Coexistencializar é “trazer vida” às coisas, é não chegar onde desejamos, mas não esquecendo da potência do sentir-com, do sentir infinito. Ou seja, as infinitas sensorialidades resultantes de inter-relações possuem potencial de sensibilizar para além da compreensão

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

do espaço enquanto entorno. Por fim, coexistencializar é, também, estar em constante movimento, sempre ressignificando-se.

Esta pesquisa resultou em um site⁵ (PIOVEZAN, 2022) como exposição final, onde todos os trabalhos podem ser acessados, contendo fotos em alta resolução, descrições e a possibilidade de fazer o *download* das fotografias. Para além disso, é possível acompanhar os desdobramentos da pesquisa. 

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. São Paulo: Elefante, 2019.
- CLARK, Lygia. Baba antropofágica. Lygia Clark: acervo. **Associação Cultural Lygia Clark**, 2021a. Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/@id/234>> Acesso em 07 mar. 2022.
- CLARK, Lygia. Respire comigo. Lygia Clark: acervo. **Associação Cultural Lygia Clark**, 2021b. Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/209/respire-comigo>> Acesso em: 15 abr. 2022.
- CARDOSO, T. M. Por uma antropologia imersa na vida. Cadernos de Campo: **Revista de Ciências Sociais**, n. 21, p. 241-250, 2016.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. V.3. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. V. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- BRETT, G. **Brasil Experimental**: arte/vida, proposições e paradoxos. Trad. Renato Rezende. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- INGOLD, T. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Trad. Fábio Creder. Rio de Janeiro: Petrópolis; Vozes, 2015.
- KWON, Miwon. Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity. **Arte & ensaios**, v. 17, n. 17, p. 166-187, 2008.
- MACHADO, M. A. C. 1 vídeo (24 min). [ART] O Corpo sem Órgãos de Artaud, Deleuze e Guattari. **Publicado pelo canal Nead Unicentro**, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-H8losbXww0>>. Acesso em: 2 mar. 2022.
- MARCHISOTTI, G. G.; LUKOSEVICIUS, A. P.; SOARES, C. A. P. Panorama da complexidade: principais correntes, definições e constructos. **Revista Eletrônica Sistemas & Gestão**, v. 11, n. 4, p. 455-465, 2016.
- MASSEY, D. B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MILLET, M. A. **Lygia Clark**: Obra-trajeto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- PIOVEZAN, T. K. M. Previsibilidade aleatória: a respiração. **Thallyta Piovezan**: artista-pesquisadora, 2020. Disponível em: <https://www.thallytapiovezan.com/previsibilidade>. Acesso em: 08 jul. 2023.
- PIOVEZAN, T. K. M. Deu errado (?) mas eu consertei com silver tape e saliva. **Thallyta Piovezan**: artista-pesquisadora, 2021. Disponível em: <https://www.thallytapiovezan.com/deuerrado>. Acesso em: 08 jul. 2023.
- PIOVEZAN, T. K. M. Não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir com. **Thallyta Piovezan**: artista-pesquisadora, 2022. Disponível em: <https://www.thallytapiovezan.com/coexistencializar>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, B.; TESSLER, E (Orgs.). **O meio como ponto zero**: metodologia em pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002. p. 123-140.

5 <https://www.thallytapiovezan.com/coexistencializar>

A prática artística do coexistencializar: não chegar onde desejamos, mas nunca esquecer da potência do sentir-com
Thallyta Karoline Maia Piovezan

SANTOS, P. A. dos. A espacialidade e as Ecologias Da Vida Em Tim Ingold. **KULA. Antropólogos del Atlántico Sur**, n. 9, p. 59-71, 2013.

VASCONCELLOS, J. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1217–1227, 2005.

Submetido em agosto de 2022.

Revisado em janeiro de 2023.

Aceito em fevereiro de 2023.